

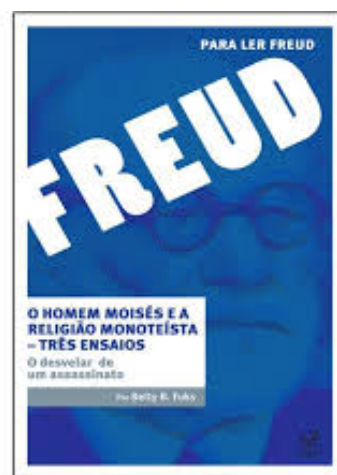
## O Moisés de Sigmund Freud: Ecce homo!

Resenha do livro *O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato* de Betty Bernardo Fuks. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2014, 209 pags.

---

Carlos Augusto Pereira Viana<sup>1</sup>  
José Rogério Santana<sup>2</sup>

A leitura de “O Homem Moisés e a Religião Monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato”, de Betty Fuks, conduziu-nos, como ponto de partida, a um, dentre os inúmeros conceitos que o livro comporta: o de obra aberta, de Umberto Eco (1988); considera o ensaísta, ficcionista e poeta o princípio de que a obra literária, por natureza ambígua, não constitui um universo fechado em si mesmo, sendo, por isso, sempre passível de outras leituras, mas a partir de um sólido rigor teórico, tornando-se, assim, a atividade do crítico um processo de reinvenção da obra em análise. Desse modo, não sendo sequer aprendizes em psicanálise, palmilhamos suas mais de duzentas páginas concentrando-nos, antes, na urdidura da escrita: desta, trespalam, predominantemente, duas funções da linguagem: a metalinguística e a poética: esta, fruto de uma deliberada elaboração; aquela, por valorizar o código (Reis, 2001).



A função metalinguística implica, portanto, um repouso no código; isto é, o texto recai sobre si mesmo, num recorrente processo de uma sucessão de significações, de que resultam, por exemplo, axiomas: “Obra aberta, O homem Moisés não se presta à captura: múltiplos sentidos – mas não arbitrários – borbulham nas páginas dos três ensaios” (p.30); “Terreno fértil para a apreensão da alma humana, a literatura foi a ferramenta mais precisa com a qual Freud verifica, num jogo de espelhos, a própria face da construção psicanalítica” (p.37/8); “a noção de judeidade nomeia o modo como cada sujeito vive sua condição de judeu” (p.43)

A função poética, quando as palavras estabelecem entre singularíssimas alianças, faz-se, com mais vigor, no emprego das alegorias: o lugar extraterritorial que a psicanálise ocupa em nossa cultura é iluminada pela evocação ao conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará; Membro da Academia Cearense de Letras e das Academias de Língua Portuguesa e de Letras e Artes do Nordeste; Doutorando em Educação pela UFC. [ca.viana@terra.com.br](mailto:ca.viana@terra.com.br).

<sup>2</sup> Pesquisador em Educação Matemática assistida por Computador. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação com linha de pesquisa no NHIME – Núcleo de História e Memória em Educação pela FACED/ UFC. [Rogerio@virtual.ufc.br](mailto:Rogerio@virtual.ufc.br)

Rosa – a terceira margem como um lugar simbólico da transmissão da cultura. Ressaltem-se, ainda, inúmeras passagens em que o prosaico, natural ao gênero ensaio, é tocado pelo poético: “Metáfora do excluído, a figura do judeu em Moisés expõe a verdade da rejeição feroz ao outro-odiado” (p.31); “Nômades como as letras aglomeradas no branco de um pergaminho ancestral, os doutores e comentadores do Torá” (p.53).

Betty Fuks, em “O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato” realiza, a rigor, a biografia de um livro que gravita em torno dos acontecimentos desta e de sua contemporaneidade: o drama humano no perene da existência.

Mesclam-se, nesta empreitada, tanto os elementos que concorrem para a progressão temática quanto os que dão conta dos recursos expressivos para a construção textual. Assim, dissolvem-se as fronteiras entre os gêneros, de tal modo que expedientes narrativos, descritivos e dissertativos constituem elos de uma cadeia que não se dissolve: “Tudo começara na dinastia XVIII, certa de 1375 a.C., época de florescimento no Egito, quando Amenófis IV, filho de Amenófis III, baniu o culto do Deus Amon...” (p.86-7); “Como a morte de um inocente alcançou o poder de desculpabilizar a todos que o reconhecem como salvador?” (p.148); “Sob a proteção dos céus londrinos, o temor de tornar público o terceiro ensaio ficou restrito à validade das ideias...” (p.34).

A cena inicial anuncia o recurso construtivo da técnica do tear; uma singularíssima marca da autora: a capacidade antecipadora de desenhar cenas ou elaborar conceitos que, mais além, serão retomados. Neste sentido, a queima dos livros de Freud, aos 10 de maio de 1933, na Universidade de Berlim, representa, alegoricamente, as futuras cinzas nos campos de concentração nazista; da mesma forma, o Moisés de mármore descortinará o de carne e osso: o “Ecce homo!”

#### **Referencias Bibliográficas:**

ECO, Umberto. *Obra aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1988.  
REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina, 2001.

**Recebido em: 11/11/2014**

**Aprovado em: 30/04/2015**